

PESQUISAS ETNOLÓGICAS NA BAHIA

POR MELVILLE J. HERSKOVITS, TRADUÇÃO DE JOSÉ VALLADARES

Uma grande honra me foi concedida ao ser dado a mim o privilégio de inaugurar, esta noite, as atividades educacionais da Faculdade de Filosofia da Bahia. Para quem é membro de uma Faculdade, constitui assunto de importância o aumento do número de estabelecimentos de ensino superior, visto como, melhor do que qualquer outra pessoa, sabe que é nesses lugares onde se cultivam os mais belos produtos de nossa civilização, através da pesquisa e do ensino desembaraçados, pesquisa e ensino perpetuados e enriquecidos à medida que passam às gerações seguintes.

Em nome, portanto, dessa grande comunhão universitária, é que me sinto feliz em apresentar as boas-vindas ao grupo formado pela Congregação da Faculdade de Filosofia da Bahia, e, antecipadamente, aos estudantes que tiverem a boa sorte de aqui continuar os seus estudos. Desde os primeiros dias de minha chegada, persuadi-me que a Bahia oferece uma localização ideal para instituições de ensino superior, convicção que se fortaleceu no decorrer das semanas, com um melhor conhecimento da vida da cidade. Com a forte tradição intelectual que marca a história da Bahia a lhe inspirar e animar os trabalhos, e com a magnificente natureza deste lugar, pode-se predizer que a Faculdade de Filosofia da Bahia prosperará e crescerá, fazendo sentir sua influência sempre maior no Estado, na Nação, e onde quer que a cultura livre exerça seus efeitos benéficos sobre a humanidade.

Assim, na qualidade de membro de uma Faculdade irmã, trago os cumprimentos de vossos colegas em outras faculdades, e os meus votos pessoais de êxito em vossa obra; como cientista em serviço de pesquisas, é para mim um prazer dar-vos, e às pessoas entre as quais trabalhei tão agradavelmente, este primeiro e preliminar relatório de meus trabalhos.

N.R. — Intitulada, no original, "Ethnological Research in Bahia", a conferência do Prof. Melville J. Herskovits, reproduzida neste número de *Afro-Asia*, está fora do alcance da maioria dos interessados, tendo-se esgotado a primeira e única edição, patrocinada pela Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, em 1943, na série "Publicações do Museu da Bahia".

Foi ela pronunciada pelo grande antropólogo já falecido, na inauguração das atividades educacionais da Faculdade de Filosofia, hoje integrante da UFB, em 1942.

Dada a importância de que se reveste o documento, *Afro-Asia* considerou oportuno reeditá-la, na íntegra, julgando prestar, assim, um serviço aos estudiosos da cultura de origem africana na Bahia.

Considerando que toda investigação científica deve ser dirigida para a compreensão de problemas bem definidos, torna-se importante, ao iniciar esta conferência, indicar os principais objetivos que orientam a organização das mais recentes pesquisas etnológicas. Interessam-se os etnólogos, em primeiro lugar, pela *descrição* de alguma determinada civilização, analisando a relação entre as instituições econômicas e sociais, políticas, religiosas e artísticas que lhe conferem individualidade. Empenham-se a seguir, tanto quanto possível, em compreender o desenvolvimento histórico da cultura em estudo, através dos contatos dessa cultura com outras civilizações e das transformações internas por que passou. Este aspecto do campo da Etnologia diz respeito à análise da *dinâmica das culturas* — a compreensão dos processos de transformação cultural. Finalmente, procuram os etnólogos mostrar o elemento humano nas culturas, a relação entre os indivíduos e as normas de comportamento debaixo de que vivem. É o estudo da psicologia das culturas, usando a expressão no seu mais largo sentido.

Tais contribuições à investigação das civilizações revelam alguns dos mais fundamentais problemas que se possam formular com referência ao procedimento do homem. Assim é que o material de Etnologia científica fornece, hoje em dia, dados esclarecedores sobre questões de importância capital, como sejam a natureza do processo de aprendizagem, os valores sociais que dão sentido à vida do indivíduo, a variabilidade dos costumes, e a relação entre um corpo de tradições e a personalidade de seus portadores.

Para reunir esses dados, têm os etnólogos viajado aos confins da Terra, submetendo a estudo sistematizado os costumes de povos cujos modos de vida diferem muito extensamente entre si, e dos nossos. Estará talvez, aí, a razão por que a Etnologia freqüentemente é julgada e algumas vezes até definida como o estudo do exótico, do distante, do fora do comum. Todavia, especialmente quando consideramos a direção atual desta ciência, verificamos que o caso é bem outro. Costumes estranhos — estranhos, bem entendido, para nós — agora se entende que são estranhos somente porque a eles não estamos habituados. Percebemos já que para o povo praticante de tais costumes, eles representam o ordinário e, muitas vezes, as únicas formas de comportamento concebíveis. Estilos de arte e crenças religiosas, normas de família e sistemas de moral, todos estão sendo presentemente encarados deste ponto-de-vista de relativismo, significando isso para a Etnologia que, como ciência, ela trata de compreender culturas, e não de levá-las a julgamento.

Nos últimos anos, veio uma revelação aumentar a extensão do terreno da Etnologia. Foi o resultado da verificação — comparável ao atual ponto-de-vista dos estudiosos de Antropologia física, para quem o Homem essencialmente representa um só tipo físico, — de as culturas humanas, onde quer que se encontrem e seja qual for seu grau de complexidade, terem essencialmente a mesma sorte de estrutura e funções, e assim apresentarem a estudo os mesmos problemas. Como consequência, a convenção dos primeiros anos, de que somente as culturas "primitivas" constituíam objeto

de estudo para etnólogos, foi substituída pelo reconhecimento de que as mesmas técnicas podem ser proveitosamente aplicadas no estudo da conduta humana, tanto nas sociedades letradas como nas analfabetas, tanto entre grupos que se acham próximos como em países afastados. Um aspecto importante desse desenvolvimento veio a ser chamado o estudo da *aculturação* — o estudo das culturas em contacto. Esse estudo, reconhecendo que não importa onde ou em que circunstâncias, povos com tradições diferentes, que se tenham encontrado, trocaram idéias e modos de procedimento, pretende que os contactos observáveis nos dias de hoje oferecem uma oportunidade para se analisar, sob contróle científico e sob contróle histórico, situações que proporcionam o melhor discernimento que se possa obter da natureza e do funcionamento das culturas consideradas como um todo.

Entre as situações em que êsses contrôles podem ser utilizados com maior resultado, estão as que envolvem os descendentes de africano que povoam as Américas (1).

Temos ou podemos obter informações precisas sôbre as origens africanas de seus antepassados. Podemos geralmente descrever como vieram para o Nôvo Mundo, e como mais tarde viveram sob a influência das culturas de portugueses e de espanhóis, de inglêses, de franceses e de holandeses; como estiveram expostos a essas influências européias em graus que variaram do contacto intensivo, nas cidades do norte dos Estados Unidos, à quase absoluta falta de contacto, no interior da Guiana Holandesa. Podemos ver como tiveram que aprender línguas novas e diferentes. Compreender como sua vida econômica foi transformada na que prevalecia nas plantações de escravos do Nôvo Mundo, e como foi modificada a estrutura primitiva de suas famílias; como suas religiões tiveram de fazer face ao esforço missionário católico e protestante; como sua arte gráfica e sua arte plástica se tornaram dificultosas, ao ponto de sua quase extinção.

Podemos também estudar os fenômenos que resultaram do fato de que nem todos seus contactos foram com europeus, mas que também tanto tomaram como deram dos seus próprios modos de vida às muitas e diferentes tribus locais de índios com que se encontraram. Finalmente, podemos salientar a importância do fato de implicar a situação no Nôvo Mundo no contacto íntimo entre diversos tipos de africanos. Reuniram-se africanos cujas economias variavam dos sistemas sedentários do Congo ao nomadismo das planícies subdesérticas: cujas línguas incluíam troncos bantos e sudaneses; cujas religiões iam da adoração de panteons de deuses identificados com as forças da natureza ao maometismo: cujas organizações políticas eram tão diferentes que se estendiam desde as pequenas aldeias vizinhas e autônomas aos grandes reinos do Congo, dos Iorubá e do Daomé.

Em número quase demasiado para se referir, ocorrem os problemas quando contemplamos essa abundância de material. Quais são as formas

(1) Um resumo dêste problema pode ser visto no trabalho de M. J. Herskovits "O Negro do Nôvo Mundo, como um Tema para Pesquisa Científica", in *Revista do Brasil*, Ano IV (Nov., 1941) n.º 4, pp. 43-58.

africanas de conduta que, no Nôvo Mundo, mais retiveram sua identidade? E que luz, fatos dessa natureza lançam sôbre a questão da atitude que se pode esperar de formas culturais diversas quando, em outras civilizações, elas enfrentam a experiência universal do contacto e das modificações subseqüentes. São os objetos de uso quotidiano do povo resguardados menos vigorosamente do que os intangíveis de sua cultura, tais como os conceitos de moralidade ou as crenças no sobrenatural? E quando os costumes se alteram, em condições e graus variáveis, quais os novos costumes que se criam, que novas sanções ficam aprovadas, quais as novas modalidades de comportamento que resultam? As respostas a perguntas dessa espécie são também fundamentais àquela compreensão da natureza e do sentido da cultura em geral, indispensável para se alcançar a meta da ciência social — o contrôle sôbre o procedimento social do homem, o qual é, e basta ler os jornais para constatá-lo, uma das necessidades mais prementes da humanidade, nos dias que correm.

* * *

Em relação aos problemas e teorias acima sumariados, é que devem ser apreciadas as pesquisas que a senhora Herskovits e eu estivemos fazendo aqui na Bahia durante os últimos seis meses, graças a uma subvenção da fundação Rockefeller, e que se devem considerar as observações que se seguem. Para tais pesquisas, a importância do material a ser encontrado na Bahia de há muito que fôra reconhecida, pelos especialistas, como de primeira ordem. Aqui se acha uma das maiores concentrações de descendentes de africanos no Nôvo Mundo; aqui, além disso, em virtude da tradicional tolerância com que, no Brasil, tôdas as formas de vida foram e são enxergadas, conservaram-se numerosas instituições e modos de conduta africanos. O contacto entre a Bahia e a África Ocidental, por outro lado, foi mais constante e se prolongou até uma data mais recente do que em qualquer outra região do Nôvo Mundo; africanos viviam aqui, falando suas línguas nativas, até o começo dêste século — fato tão singular no Nôvo Mundo como o outro, embora menos conhecido, de sômente na Bahia, dentro do Nôvo Mundo, haver-se preservado de maneira apreciável a tradição artística africana da talha de madeira e do trabalho em metais.

Consideramos um privilégio têrmos continuado nosso trabalho neste lugar. O orgulho da linhagem e seu vivo interêsse pelas coisas da África, por parte daqueles de ascendência africana, possibilitaram-nos, através de sua colaboração, estabelecer comparações entre seus modos de vida na Bahia e o que tínhamos encontrado durante excursões feitas entre os daomeanos e mais (Gêge), e iorubanos (Nagô, Queto, Ijexá, Egbá) da África Ocidental e outros grupos do Nôvo Mundo de ascendência africana, na Guiana Holandesa e no Haiti, em Trinidad e nos Estados Unidos. Por sua vez, a boa-vontade dos afro-bahianos em cooperar conosco recebeu um complemento da compreensão e interêsse mostrados por ou-

tros baianos com quem discutimos nossos problemas. Por isso não é só devido à riqueza e importância do material que se encontra nesta cidade — material tão rico que cerca de meio ano de trabalho intensivo por nós ambos dá-nos a impressão de havermos apenas tocado na abundância de dados significativos existentes nesta área — mas, também, devido ao conforto das relações humanas, e à simpatia com que fomos recebidos, que sempre pensaremos deste período com o mais vivo prazer pessoal, assim como com a convicção de sua elevada importância científica.

A esta altura, podemos ainda fazer um esclarecimento preliminar. Está assentado que a investigação científica deve ser baseada numa interpretação dos problemas maiores a que um programa de pesquisas deve contribuir com alguma explicações. Deriva isso do conhecimento geral que se tem não só das questões que se relacionam com o assunto que se estuda, como também dos trabalhos que foram anteriormente realizados sobre os mesmos problemas. Em Etnologia, porém, muitas vezes não se depara essa vantagem, porque se é pioneiro — porque se tem a estudar um povo que nunca foi antes estudado. Felizmente, isto não sucede a respeito das pesquisas etnológicas na Bahia. Quanto a nós, dentro das normas da ciência, tiramos todo o proveito da oportunidade de construir sobre as importantes descobertas de predecessores — utilizar seus achados, comprovar suas hipóteses, e assim aumentar o conhecimento existente. Nas observações que se seguem, portanto, o material que reunimos em nosso trabalho será tratado de acôrdo com sua relevância — para cada um dos três maiores problemas da Etnologia, à luz do que se achou previamente e das interpretações que se fizeram.

* * *

No que concerne ao problema da *descrição*, a cultura dos afro-baianos recebeu uma atenção considerável de todos que, desde a publicação da muito citada censura de Silvio Romero (2) a respeito da negligência deste importante assunto, trabalharam em fornecer as informações que se precisavam. Os nomes dos pioneiros, Nina Rodrigues e Manoel Querino, são por demais bem conhecidos para necessitarem mais do que a simples menção. Os que vieram depois — Arthur Ramos e o Padre Ignace, Frei Protasius Friel e Frei Tomaz Kockmeier, Edison Carneiro e Donald Pierson, e outros que contribuíram para os trabalhos dos dois Congressos Afro-Brasileiros — realizaram uma obra de mérito, levando adiante êsse trabalho inicial. Entretanto, exceção feita para as análises etno-históricas de Gilberto Freyre e para os estudos sociológicos de Pierson, tôda essa obra acha-se orientada com especialidade para uma compreensão das práticas e crenças religiosas dos afro-baianos. Êste fato tem significações que devem ser apontadas antes de prosseguirmos.

(2) Citado em Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*. (2.^a ed.), pp. 11-12.

De um ponto-de-vista, a preocupação dos estudiosos com a vida religiosa reflete uma situação real. Os cultos de candomblé figuram, para os afro-baianos, entre os mais importantes elementos de sua existência, tal como é, dia a dia, vivida na cidade. Isso não quer dizer que essa gente ande atormentada pelo temor, ou que seus pensamentos nunca se afastem dos santos que adoram. Significa porém que, na conversação, as coisas religiosas têm grande vulto; que as festas em que os santos são adorados constituem recreação e desabafo; que as disciplinas do culto são, numa medida apreciável, as disciplinas da vida. Em si mesmo, êsse interesse é também um remanescente de hábitos africanos. Porque na África, como, na verdade, em todo lugar do Nôvo Mundo em que temos trabalhado, o sobrenatural — sua natureza, sua ação sôbre a vida dos homens, os deveres dos seres humanos para com seus deuses e as formas como podem ser satisfeitos — tem desempenhado papel saliente. Em tôda a parte, os descendentes de africanos se mostraram bem mais interessados em discutir teologia e liturgia do que em conversar sôbre outros aspectos de sua vida. Além disso, os que se dedicaram aos problemas de sobrevivências africanas na Bahia, naturalmente se voltaram para os costumes que mais diferiam dos seus próprios. E uma vez que é na vida religiosa afro-baiana onde as divergências se apresentam mais acentuadas, lógico se tornou que elas recebessem um estudo mais intensivo.

Considerar todos os elementos da vida dos afro-baianos foi o principal propósito dêste programa de pesquisa, embora muitos dos problemas encontrados nesta situação urbana apenas pudessem ser tocados, uma vez que requerem a técnica especializada de outras ciências sociais, a que concerne a análise dos problemas de fixação na cidade moderna. Algumas das perguntas especialmente feitas e parcialmente respondidas, podem ser aqui mencionadas. O que, na vida econômica, resta da África rural, e como tais elementos se integraram nas atividades diárias dêstes habitantes de cidade? Como as tradições aborígenes, relativas à família, foram modeladas pelas experiências no cenário da Bahia? O que aconteceu às normas de organização e de contrôle da vida social, na África, reveladas em numerosas sociedades e em outros agrupamentos de diversas espécies, às bem entrelaçadas estruturas políticas e legais das culturas africanas? Até que ponto foi o ciclo da vida — ritos de nascimento e da puberdade, do casamento e da morte, afetado por êste novo meio?

No espaço de tempo desta conferência, sômente poderemos dar breves indicações das respostas que foram obtidas pelas nossas pesquisas. No plano econômico, a baiana que vende alimentos cozinhados, às vêzes com a colaboração de associados na preparação de sua mercadoria, podendo ela dispor como bem entender do resultado financeiro do negócio, é facilmente reconhecível como uma sobrevivência de hábitos de economia africana. Certas atitudes de cooperação no trabalho de pescadores e de outros, e a tradição de que todo o grupo de trabalho deve ter uma cabeça responsável, refletem tradições africanas bem definidas e que foram assimiladas à rotina dos dias atuais. Que tradições similares eram até mais

fortes antes do fim do século dezanove, atestam-no as informações de Manoel Querino, quase as únicas de que dispomos sobre a vida econômica dos antigos afro-baianos, quando o ambiente econômico era mais propício ao esforço individual em pequena escala, do que na presente organização (3). Do mesmo modo atraiu nossa atenção o lado econômico dos grupos de candomblé. Não são somente as despesas dos iniciados no culto, que apresentam um aspecto significativo da vida econômica dos afro-baianos: a forma por que se presta assistência a principiantes necessitados e a participantes do culto, certos traços que antigamente existiram de cooperativas de empréstimo para benefício dos membros, e a permissão, pelo menos em uma casa por nós observada, para as pessoas em estado de precisão viverem no centro do culto, colocam a êste em melhor perspectiva e constituem uma das razões de peso, embora até então não se lhe tenha dado o merecido relêvo, para a sua continuidade.

No estado da vida da família, entre os afro-baianos, tem grande importância a amasiada. Etnologicamente, esta situação há de ser considerada como uma forma válida de casamento, desde que preenche o requisito de ter uma sanção social, e de permitir àqueles para quem outras modalidades de casamento se encontram interditas, ou são por demais dispendiosas, formar ligações duradouras com o objetivo de criar famílias. Existem seus correspondentes em tôdas as partes do Nôvo Mundo. Em Trinidad são conhecidas como *keepers* e no Haiti chamam-se *placées* a essas mulheres, enquanto nos Estados Unidos, a existência de famílias extralegais revela-se no registro do nascimento de crianças consideradas perante a lei, mas não dentro da sociedade, como ilegítimas. Os diferentes papéis da família materna e da família paterna refletem, na Bahia, outra adaptação em processo de aculturação, especialmente a tradição dos meninos permanecerem antes com a mãe do que com o pai, quando uma velha união se desfaz. Neste ponto, é clara a conservação de atitudes trazidas da África, onde, no seio da família poligâmica, filhos de diferentes mulheres chamam de pai a um mesmo homem, mas só os "verdadeiros" irmãos e irmãs — os que têm os mesmos pais — chamam de mãe a uma mesma mulher.

Os rituais do nascimento e da puberdade, do casamento e da morte mostram uma adaptação similar a êste nôvo ambiente: os da morte, sobre que colhemos um maior número de observações, são também importantes por documentarem a grande variabilidade que é possível a um conjunto de costumes, quando pôsto em contacto com outros modos de vida. No

(3) Manoel Querino, *Costumes Africanos no Brasil*, pp. 94-95. Uma sobrevivência africana muito significativa, ora desaparecida e que vem mencionada neste trecho do livro, não recebeu a atenção que merece. É onde Querino fala dos *cantos* empregando seu tempo livre em um jogo que êle denomina *a-t-ú, ayú* na Nigéria, *adji* no Daomé, *wari* entre o povo ashanti. Trata-se de uma das mais características e mais largamente espalhadas formas africanas de recreação, até agora encontrada sob mais de cem formas diferentes em todo o Continente e no Nôvo Mundo. Cf. M. J. Herskovits, "Wari in the New World". *Journal of the Royal Anthropological Institute* vol. 1 xii (1932), pp. 23-37.

caso do falecimento, a participação em um culto de candomblé influi amplamente, pois os ritos funerários de um membro do grupo são quase puramente africanos, compreendendo, tanto aqui como lá, um tratamento metuculoso do espírito do defunto, pelo receio de que ele tome vingança da negligência. Encontramos, porém, um enfraquecimento desses ritos, quando voltamos a atenção para os funerais dos que não mantêm relações para o culto. Entre estes, o enterramento vai se tornando cada vez mais parecido com o de europeus de nível econômico e social semelhante.

No terreno da religião, os pesquisadores que nos antecederam, salvo poucas exceções, descreveram os aspectos mais exteriores da vida religiosa africana; das cerimônias tratadas, por outro lado, quase que somente as "públicas" receberam atenção. E mais uma vez estamos diante de um fato compreensível, visto que o africano é tradicionalmente uma criatura discreta e, possivelmente, como toda a pessoa *sophisticated*, sente que a ninguém faz mal e até pode ajudar a si mesmo, o que ele deixa de dizer. Fica de pé, não obstante, um problema de método, especialmente porque, nas descrições impressas, as informações mais comuns dão ao leitor apenas uma noção vaga das variações que se acham em uso. Procuramos, em nosso trabalho, obter uma medida das diferenças, assim como do padrão básico. No caso, por exemplo, da festa que se denomina *lorogun* e que se realiza para fechamento das casas antes da Semana Santa, quando se acredita que os santos vão à guerra, temos de informantes dois relatos completos e nós mesmos estivemos presentes a essa cerimônia em cinco casas diferentes. Todas foram semelhantes, verificamos; não vimos, porém, duas que fossem idênticas, também deve ser notado.

Até agora, talvez, as únicas informações publicadas sobre as explicações teológicas que justificam as crenças e os ritos praticados — no caso em apreço, as crenças na alma — sejam as apresentadas por frei Protasius Frikel, quando ele se refere às concepções de dois pais de santo a respeito da natureza do espírito do homem e de suas relações com as divindades (orixás) e com outros seres a que atribuem a direção do universo (4). Além dessas informações, as mitologias tratadas na discussão da religião afro-baiana são costumeiramente aquelas conhecidas por Nina Rodrigues — os mitos iorubanos da Nigéria, tais como foram revelados por A. B. Ellis. Quanto a nós, tentamos descobrir o conhecimento atual da mitologia africana e a extensão em que essas sobrevivências dão origem a sanções, como acontece em sua terra de origem.

A divisão dos afro-baianos de candomblé em diversas nações foi observada desde os primeiros tempos de estudo do culto; entretanto como já dissemos, esses estudos não são tão profundos como podiam ser nos pormenores de semelhanças e de diferenças. Algumas idéias preconcebidas respondem por essa falta; entre elas, a designação Jeje-Nagô afastou os investigadores das distinções que existem, subjetivamente, no espírito dos mem-

(4) Protasius Frikel. "Die Seelenlehre der Cêge und Nagô", *Santo Antônio*, 19/1/1941, pp. 192-212.

bro do culto, e objetivamente, nas diferenças rituais, entre os daomeanos e os iorubanos. Ainda mais, o próprio termo "Nagô" parece pertencer mais aos estudiosos do que aos participantes do culto que se inclinam, pelo menos hoje em dia, a usá-lo escassamente, na hipótese de empregarem-no. O grupo quêto, nome que vem de uma cidade situada na parte extremo ocidental da Nigéria, é a seita maior, mas a seita "Jexá" cujo nome deriva de outra e mais oriental cidade iorubana chamada Ijexá, tem suas práticas religiosas distintas, ao que pode servir de exemplo uma particularidade como o uso dos atabaques para acompanhamento dos cânticos, tocados com a mão e não com as varetas usadas para ritmo da música quêto. Parece que mereceria também um nôvo exame a tendência recente para se identificar o grupo Congo com o grupo Caboclo. Em alguns dos grupos Caboclo, dá-se ênfase aos aspectos indígenas do culto (Guarani, sobretudo), enquanto as distinções traçadas pelo próprio povo entre Congo e Angola, demonstram que para êle êsses têrmos possuem significação especial, a se refletir em práticas religiosas diversas.

Tais diferenças, todavia, não devem ser sobrestimadas, caso se queira aquilatar convenientemente sua importância científica. Embora cada grupo tenha nomes diferentes para suas divindades (orixás), o fato de tôdas elas estarem equiparadas aos santos da seita quêto é significativo: indica a unidade original, subjacente às várias culturas africanas, o processo por meio do qual certos africanos predominaram sobre outros, e a relativa ação dos diversos grupos dentro da organização geral do candomblé. Se a similaridade entre os santos quanto ao nome, função e modos de adoração reflete sincretismos, a diferença entre os mesmos representa a retenção de suas individualidades. Para se observar bem o processo de aculturação, tanto uma como outra devem ser cuidadosamente pesadas.

Esse processo de sincretismo, tanto entre as seitas africanas como entre estas e o catolicismo, está profundamente ligado à tradição africana e do Nôvo Mundo. Os sincretismos afro-católicos há muito tempo foram reconhecidos. Anotou-os, na Bahia, pela primeira vez, Nina Rodrigues. Mais tarde, no mesmo lugar, Artur Ramos⁽⁵⁾ e outros levaram adiante a análise dêste fenômeno. Em Cuba, sincretismos semelhantes foram descritos por Ortiz, no Haiti, Price-Mars e Dorsainvil foram os primeiros a apontá-los, e correspondências da mesma espécie encontram-se em certos escritos que tratam da vida dos pretos de Louisiana, nos Estados Unidos⁽⁶⁾. Os sincretismos interafricanos não são tão bem compreendidos — e fora da Bahia nunca foram estudados. Mas que êste fenômeno representa um traço nitidamente africano pode-se ver no fato de haver sido recentemente verificado que o mesmo processo se opera entre os haussá da Nigéria setentrional, onde esta gente maometizada identifica seus *iska* pagãos com os *djinn* do Alcorão, da mesma forma que, na Bahia, o Xangô dos iorubanos

(5) Veja-se, especialmente, A. Ramos. *O Negro Brasileiro*. cap. V, sobretudo as listas das pp. 165-168.

(6) Para uma revisão dêstes assuntos e bibliografia, veja-se M. J. Herskovits, *The Myth of the Negro Past*, pp. 245-251.

se acha identificado com o São Jerônimo dos católicos ou com o Sôgbô dos daomeanos, ou com o Zazi dos angolas (?).

Tendo em vista que as cerimônias "públicas" das mais proeminentes casas de candomblé têm sido observadas e descritas muitas vezes, intentamos ampliar o lado descritivo desta pesquisa com a visita a casas menores, e fizemos questão de testemunhar, onde fôsse possível, os ritos mais reservados e por consequência menos bem conhecidos. Entre estes, poderíamos citar determinados momentos no ritual da iniciação, tais como a oferta de sacrifícios e os talhos sagrados que, pelo resto da vida, "fecharão o corpo" do iniciado às más influências; cerimônias denominadas *bori*, em que se fazem ofertas à cabeça de um indivíduo — isto é, ao "dono da cabeça" dessa pessoa, como se chama seu "anjo da guarda"; o tocante rito funerário do *sirrum* que se prolonga por toda a noite e que separa de seu grupo a alma do finado membro do culto; o batismo de um santo caboclo e o assentamento de outro em uma árvore; demonstrações das diversas técnicas divinatórias, com explicações detalhadas; os rituais por que são reconduzidos à vida quotidiana os novos iniciados; o cumprimento de obrigações particulares de diversas qualidades; e numerosos outros ritos. Requer um espaço bem grande a descrição destes ritos em seus pormenores, o que não podemos fazer agora. Em relatos posteriores, porém, esses estudos serão postos ao alcance de outros que venham a trabalhar em pesquisas afro-baianas e que os desejem conferir ou amplificar.

Quando passamos ao fundo histórico de nossos conhecimentos da cultura afro-baiana, achamo-nos em um campo onde as informações são exatas e em profusão. Até os dias de Nina Rodrigues e de Manoel Querino, encontravam-se, na cidade e seus arredores, africanos de nascimento. Bastaria perguntar-lhes de que tribu provinham; quanto aos nascidos no Brasil, muitos sabiam, como em número considerável ainda hoje sabem, quais as "nações" a que pertenciam os seus pais, ou seus avós, ou seus bisavós. Essas pistas iniciais foram admiravelmente seguidas pelos estudiosos que vieram depois, os quais acrescentaram documentações históricas e comparações etnográficas ao que tinha sido dito a seus precursores. O penoso esforço de reconstrução da procedência por tribos, que se teve de fazer nos Estados Unidos, quando se trabalhou nesse problema, na Bahia não foi preciso que se fizesse. Na controvérsia que se levantou sobre a origem banto ou sudanesa dos costumes afro-baianos, a argumentação dos partidários de ambos os pontos-de-vistas por algum tempo foi reconhecida como encerrando uma certa razão de ser. Claro é, porém, como Artur Ramos mostrou de uma vez por todas⁽⁸⁾, que nenhum exclusivismo se justifica na análise das proveniências.

Para uma compreensão do passado histórico da cultura afro-baiana, não dispomos somente das preciosas informações reunidas pelos que se

(7) Sobre as correspondências entre os Haussá, veja-se J. Greenberg — "Some Aspects of Negro-Mohammedan Culture-Contact among the Hausa", *American Anthropologist*, vol. 43 (1941), pp. 30-42.

(8) Artur Ramos. *As Culturas Negras no Novo Mundo*, p. 350.

especializaram em questões da área baiana: temos à mão dados relativos ao mais vasto panorama cultural do Brasil, onde ocorreu esse desenvolvimento histórico local, os quais proporcionam ao estudo um plano de profundidade. A obra de Gilberto Freyre, especialmente, deve ser lembrada a esse respeito, por haver sido orientada de uma forma que permite ao pesquisador do ambiente limitado projetar seus estudos contra o cenário maior da história social brasileira (9).

Mais segurança, se necessária, quanto às origens dos afro-baianos, poderemos obtê-la, valendo-nos do que se sabe em relação a outras partes do Nôvo Mundo (10). Nas culturas de ascendência africana que se acham dêste lado do Atlântico, a recorrência de nomes iguais em pessoas, lugares e divindades, e dos mesmos costumes em porções tão diferentes e afastadas do Nôvo Mundo, permite que se generalizem as observações que se tenham feito, isoladamente, em qualquer uma dessas regiões. No campo da pura pesquisa histórica, nesses diferentes lugares, os portos de origem das cargas de escravos mencionados são os mesmos, e as mesmas designações de tribos, nos manifestos dos navios negreiros. Estão, por sua vez, tôdas essas provas, em acôrdo com narrações de viajantes da época e de outros contemporâneos que escreveram sôbre o assunto. Se ainda desejarmos mais confirmações, a Etnologia comparada as fornecerá. Onde os nomes dos deuses africanos sobreviveram, vemos que são derivados de um número relativamente pequeno de tribos; onde os costumes da África foram registrados em forma reconhecível, vemos que vieram destes mesmos grupos africanos.

A razão por que um número reduzido desses grupos dominou no Nôvo Mundo constitui um importantíssimo, embora difícilíssimo problema. A resposta dada por um pai de santo à pergunta sôbre o motivo por que os de nação quêto haviam dominado os cultos baianos — “Porque êles foram trazidos em maior quantidade” — poderá ser a resposta correta no caso da Bahia, apesar de, ainda assim, ficarmos sem saber como os outros grupos se mantiveram tão bem. Deve-se, todavia, reconhecer que a questão, como um problema para estudo, na Bahia, não é diferente do Haiti, onde os daomeanos prevaleceram sôbre outras tribos, nem da Jamaica, onde a cultura ashanti foi a que melhor se conservou.

Nessa questão, um dos problemas mais intrigantes diz respeito ao que aconteceu ao patrimônio cultural dos negros do Congo, para todos os lugares importados em elevado número. O fato de, na Bahia, os costumes do Congo haverem sobrevivido mais do que nas outras partes do Nôvo Mundo, não é uma resposta à pergunta que indaga por que, em geral, tão pouco se conservou. Difícil é aceitar a resposta usualmente dada — que a mitologia e a organização social dos povos bantos, sendo “mais fracas”, “menos bem elaboradas” e “menos adiantadas” do que as dos sudaneses, suas tradições cederam em face dos modos de vida e crenças dêstes últimos, mais estreitamente unificadas e de melhor funcionamento.

(9) Com especialidade o trabalho *Casa Grande & Senzala*.

(10) Cr. as descrições de Artur Ramos, *ob. cit.*, *passim*.

Dentro da área do Congo acham-se algumas das mais complexas culturas da África; e nenhuma indicação existe de que tivessem sido construídas com um material tão fraco que, por si mesmas, houvessem de curvar-se ao contacto dos sistemas da África Ocidental. O que se precisa urgentemente, hoje em dia, em tôda a esfera dos estudos do negro, são pesquisas no Congo. Faltam por completo estudos etnográficos modernos de envergadura, as informações em revistas especializadas são fragmentárias; temos de nos basear, além dessas fontes, nos comentários mais ou menos acidentais de viajantes e de missionários, de administradores e de outros sem formação científica. Quando dispusermos de informações científicas perfeitas, pode-se predizer que um feixe de luz será projetado sôbre este problema, não só na Bahia, onde poderá ser apreciado com a vantagem decorrente de uma situação especial, como também em tôdas as outras partes do Nôvo Mundo.

* * *

Nesta conferência, só ligeiramente poderemos tratar dos problemas relativos aos aspectos *psicológicos* da vida afro-baiana. Nossas observações, por outro lado, em vista da natureza do próprio material e do interesse revelado por outros que estudaram os afro-baianos, serão limitadas ao terreno da vida religiosa, e relacionadas a algumas conclusões de ordem atingidas no decorrer de nossas pesquisas, especialmente as que se referem a certas interpretações, muitas vêzes encontradas nos livros.

Os cultos de candomblé dão sentido à vida e garantia contra os sofrimentos de um mundo incerto — tal é o fato saliente que impressiona ao observador, que se aproxima dêstes cultos com os propósitos objetivos da Etnologia científica. A organização do universo, como é concebida pelos crentes, e os processos que induzem os podêres com as rédeas do destino a revelar seus segredos, e, isto feito, a certeza de que suas prescrições, uma vez atendidas, resolverão problemas urgentes — tudo isso proporciona ao adorador dos santos a segurança de que precisa na sua vida diária.

Em segundo lugar, satisfaz o candomblé a uma outra necessidade humana de raízes profundas — a necessidade de uma posição baseada no prestígio. Será suficiente contemplar as mães ou pais de santo em suas casas de culto, para se ter uma idéia do contentamento íntimo que lhes advém do domínio que exercem sôbre os membros do grupo, contentamento este que se ajusta a uma identificação inconsciente dos adeptos com os chefes. Ser *ogã* de uma casa respeitável dá prestígio, dentro da comunidade; ser *vodunsi* — como se chama o iniciado depois de sete anos — confere, do mesmo modo, uma distinção especial. A obediência a normas caracteristicamente africanas favorece a satisfação da necessidade a que nos referimos. O respeito devido aos que se acham numa categoria mais alta, especialmente porque se foi iniciado, ou se foi confirmado *ogã* há mais tempo, pode servir de exemplo. As roupas especiais que são usadas pelas mulheres participantes do culto, assim como as cadeiras de custo em

que se sentam os *ogãs* confirmados nas cerimônias públicas, são outros tantos caminhos para as satisfações de ordem social e de ordem espiritual. A oferta de presentes em cerimônias públicas, onde todos podem ver quem é o maior doador, da mesma forma que o elaborado dispendioso da vestimenta de iniciantes, quando pela primeira vez aparecem em público como membro reconhecido do grupo, oferecem oportunidades para uma ostentação originada de um espírito de competição em nada diferente do que se encontra nas sociedades bem governadas.

Supre ainda o candomblé outra necessidade, criando valores estéticos. Esta função estética por vários meios se exprime e, para os não-iniciados, deriva principalmente das grandes festas públicas a que ocorrem para apreciar. Aí o canto, acompanhado pelos atabaques, agôgôs, cabaças e outros instrumentos de percussão, as danças, as vestimentas, a grande aglomeração de espectadores, tudo se combina para proporcionar o prazer e a tensão emotiva de que, em outras culturas, se encarregam o teatro e o cinema, os concertos e a ópera. Também é neste aspecto da vida religiosa que aparece um dos mais interessantes sincretismos entre os rituais europeus e os africanos. Sob a pressão dos valores europeus, os cultos africanos fizeram sobressair os elementos que tinham em comum com os padrões estéticos da Europa, em suas representações para o público, reservando os aspectos menos familiares à experiência européia para os ritos privados, que somente os membros do culto, mas nem todos, podem presenciar.

Uma parte importante da vida religiosa é a disciplina que ela ensinou e exige. Muito instrutivo neste particular é o processo, variável de três meses a um ano, nas seitas mais "ortodoxas", por que novos membros são iniciados no culto. Com a cabeça raspada e o cabelo na posse do sacerdote que dirige o grupo — meio muito eficiente de assegurar controle para o futuro — a esses iniciantes se ensinam os cânticos e os passos de dança, o procedimento adequado diante dos deuses e dos superiores no culto, rudimentos de língua africana para uso doméstico e até, caso não as conheçam, as receitas e a preparação dos pratos africanos que distinguem a cozinha do candomblé, a maneira de zelar pelas roupas de qualidade especial que irão usar doravante. Suas relações com o chefe do grupo mostram como foi bem preservada a tradição africana de obediência. Porque, na casa do culto, conforme mais de uma vez nos confessaram alguns chefes, quem é novato "conhece seu lugar". Não fala, nem está de pé, não caminha na frente de um mais antigo servidor dos deuses; diante do responsável pela casa, curva a cabeça, abaixa a voz e beija-lhe a mão em cumprimento, quando não se prostra a seus pés. E esta é a disciplina que se observa no que diz respeito aos companheiros, seres humanos do grupo. Quando se trata dos santos, como nunca, as regras são mais rigorosas.

Traz-nos o que acabamos de dizer a explicações conhecidas, com especialidade numerosas a respeito de um elemento dos cerimoniais de can-

domblé — a possessão. A possessão pelos deuses é um fenômeno que, desde os dias de Nina Rodrigues, sempre prendeu a atenção dos que estudaram o culto. Natural pois que se tenham feito diversas tentativas para explicá-lo. Do ponto-de-vista do próprio culto, é simples a explicação e tem sido bastante repetida. Acredita o crente que o santo "apodera-se" de seu adorador, "descendo" em sua cabeça, considerada assento da divindade, e com isso o substitui enquanto a possessão durar, quando, voltando ao estado de consciência, o que estava possuído recupera sua individualidade. Durante o estado de possessão, êle é o santo, e como tal pode profetizar ou fazer denúncia dos perigos que ameaçam em virtude de mágica hostil. Tomará certas atitudes rituais — tremores, a execução de danças em acôrdo com sua natureza; cumprimentará os que estiverem possuídos por outros santos e abençoará espectadores de sua escolha; poderá emitir suas ordens, que se estendem da entoação de determinados cânticos à insistência para que lhe ofereçam certos sacrifícios.

Em termos de anormal e de psicopatológico foram conduzidas as explicações sobre possessão no que se escreveu com referência a êste fenômeno na Bahia. Terá isso, possivelmente, uma razão histórica, pelo fato de terem sido, na sua maioria, homens da Medicina, os observadores da vida religiosa afro-baiana. O treinamento médico habitua o indivíduo a procurar casos patológicos. Não será por isso de estranhar que a possessão, tão alheia a seus modos de vida e exteriormente tão parecida ao que se vê entre os psicopatas de sua própria cultura, tivesse sido explicada como qualquer coisa da natureza da histeria, usando a palavra favorita quando se discute a possessão.

Não é entretanto difícil considerá-la psicopatológica e anormal, em vista da disciplina a que se está obrigado pelos grupos religiosos, da regularidade com que, nas mesmas circunstâncias, o mesmo tipo de possessão ocorre a muitos e diferentes indivíduos, e particularmente quando compreendemos que a possessão é aceita como uma experiência normal por um tão grande número de pessoas? Estivemos presentes a cerimônias em que o pai de santo, antes dos atabaques ou das danças começarem, designou os de seu grupo que iam cair no santo, os quais, mais tarde, ficaram na realidade possuídos. Vimos iniciados — especialmente fora de sua própria casa — permanecerem frios aos estímulos que, em outros lugares, os teria levado ao estado de possessão. Vimos um sacerdote e um iniciado veterano porém à prova qual dos dois era o mais forte, o primeiro provocando, o outro resistindo à vinda do santo. Não se deveria outrossim, quanto a êste fenômeno, esquecer a sua larga distribuição geográfica e a sua antiguidade. Testemunhamos em outras partes do Nôvo Mundo, assim como na própria África, as mesmas espécies de possessão, apresentando a mesma atividade motriz e da mesma maneira instigadas, ocorridas em situações semelhantes em alguns casos com os mesmos ritmos de atabaque que se ouvem na Bahia. Até onde quase tudo que é africano desapareceu da vida religiosa, como acontece nas igrejas protestantes afro-americanas

dos Estados Unidos chamadas "shouting churches", o fenômeno da possessão continua.

Se pois a explicação em termos de psicopatologia é difícil, que outra hipótese poderá ser levantada? É necessário aqui considerar a natureza da cultura e seu papel na influência que exerce sobre o procedimento do homem. Uma cultura é um conjunto de tradições, cuja importância exata para uma determinada sociedade depende, em grande parte, do passado histórico desta sociedade. Do momento em que se consolida, as normas de conduta estabelecidas por uma cultura, de tal forma são bem assimiladas, que raramente sobem ao nível da consciência e, por conseguinte, poucas vezes são discutidas. O processo psicológico que temos em vista é antes o que se define muito claramente com a expressão "reflexo condicionado", segundo o qual, toda vez que se experimenta um estímulo específico, uma reação correspondente resulta, porque o indivíduo foi habituado a se comportar desse modo em resposta ao sinal convencional. Neste processo, de anormal nada existe — pelo contrário, representa ele o plano psicológico sobre que muitas de nossas vidas são vividas. Imaginemos agora uma pessoa que se tenha criado em um meio cultural onde se acredita profundamente nas divindades; onde, desde a infância lhe tenham ensinado que terá, ou que é susceptível de receber uma dessas divindades; que os deuses são chamados por intermédio de ritmos específicos de atabaque e de cânticos específicos, a que respondem baixando na cabeça dos que escolheram para seu serviço; são muitas as probabilidades para que, em face do estímulo ensejado por todos os fatores de uma situação conforme às indicações que fizemos, não tarde a resposta e a possessão tenha lugar.

Por que então, se objetará, nem todos que pertencem a esta cultura, mais cedo ou mais tarde, ficam possuídos? Teremos uma resposta no fato de mais pessoas caírem no santo do que geralmente se presume — e uma técnica completa existe por meio da qual esses indivíduos, que não podem ou não desejam se iniciarem no culto, conseguem ter os deuses "assentados", a fim de que não lhes voltem. Outra resposta estará na razão muito simples que nem a todos se permite ser um grande pintor ou um carpinteiro competente, um musicista de renome ou um bom cozinheiro. Algumas pessoas não respondem aos estímulos porque sua constituição não se presta a isso, o que é reconhecido tanto na linguagem como nas práticas do candomblé — no fato, por exemplo, de haver um lugar no culto para a mulher que deseja associar-se mas que, como dizem, "não tem nada na cabeça".

A hipótese da anormalidade é que não se pode admitir, como aplicável a uma coisa, em tantas culturas e por tanta gente geralmente tida na conta de socialmente normal. Se alguma pergunta pudesse esclarecer a questão, seria a que indaga por que, na Bahia, as mulheres caem no santo em muito maior número do que os homens. Será a mulher menos equilibrada, mais sujeita à histeria, menos normal? Este seria, quando

muito, um ponto-de-vista difícil de sustentar — parecendo muito mais adequado ao assunto o que se refere às tradicionais sanções sobre a condição da mulher em face do homem. O fato de alguns homens ficarem possuídos e de algumas mulheres não, meramente indica que neste, como em todos os fenômenos naturais, há uma escala de variações que se deve considerar. Mas não significa que a possessão, em si mesma, tão profundamente fixada na cultura dos afro-baianos e de outros grupos afro-americanos, deva ser equiparada aos estados mentais que, nas sociedades euro-americanas, são vistos como equivalentes da conduta patológica.

Se o espaço de tempo a que se deve limitar uma conferência fôsse maior, iríamos tratar aqui de numerosas questões relativas não só a costumes seculares como a costumes religiosos, de suas procedências históricas e das sanções subjacentes. Assim, as relações entre marido e mulher, e seus pais e avós, constituem um problema que merece uma discussão aprofundada, pelas sugestões que encerra para a compreensão dos sistemas educativos em uso entre afro-baianos, e que mais tarde determinam seu comportamento. Um aspecto da vida religiosa como o êrê, estado intermediário místico entre a possessão e a realidade, envolve valores psicológicos fascinantes. Poderíamos também entrar na discussão dos problemas musicológicos, oriundos da análise dos cânticos que tivemos a feliz oportunidade de gravar em disco, especialmente a luz que essa documentação derrama sobre os processos de aculturação; ou apreciar a significação econômica do valor que se dá às coisas africanas, ao lado de seu reflexo na preservação de certos ofícios que, fora da África, somente na Bahia não morreram.

É de integridade, de equilíbrio e de disciplina, a impressão que resulta de um conjunto de observações como as que reunimos a respeito da vida secular e da vida religiosa dos afro-baianos. Por certo que seguir através dos acontecimentos mencionados neste trabalho, a cada passo utilizando o instrumento primordial do etnólogo, a indagação do “por quê”, e obtendo resposta, somente pode dar a sensação de se estar em presença de um bem ordenado corpo de tradições e de raças, o qual permitiu a seus portadores, como em qualquer cultura em bom funcionamento, a vida total e normal, única a dar conteúdo e sentido à existência do homem. Aqui na Bahia, os dados são abundantes — muito mais abundantes do que se julgou possível ao se iniciarem nossas pesquisas. São em grande número os problemas a estudar; a nossa impressão de havermos apenas começado sua análise, convém repetir, torna-se mais forte à medida que contemplamos este conjunto de costumes afro-baianos.

O essencial aos futuros estudos, tanto aos descritivos como aos interpretativos, é que sejam conduzidos com pleno reconhecimento de que se está estudando uma forma de vida completa e perfeitamente amadurecida. É de se esperar que esses estudos abandonem o critério de se enxergar nessa forma de vida qualquer coisa consistindo em curiosidades e sobrevivências originais, e que passem a tratar esse corpo de costumes como

a entidade cultural que efetivamente é. Com tal ponto-de-vista orientando as pesquisas e as interpretações, ter-se-ão em recompensa novos discernimentos, como nos aconteceu nas tentativas que fizemos para compreender essa cultura em termos de suas próprias instituições e do papel que estas desempenham na existência dos que lhe vivem subordinados. Prestará o resultado deste método a melhor contribuição, toda vez que se tiver de resolver o principal problema da ciência etnológica, a compreensão do comportamento social do homem.

ETHNOLOGICAL RESEARCH IN BAHIA

Starting from the viewpoint according to which "the 'candomblé' cults appear, for the "afro-baianos", among the most important elements of their existence", Melville J. Herskovits presents with this lecture (delivered in 1942, on the opening of courses at the Faculdade de Filosofia da Bahia) some results of his research made among African descendants in this part of Brazil. Doing to the "baianos" scholars that preceded him - from Nina Rodrigues to Artur Ramos - the honour due to pioneers, Herskovits interprets the data collected by him in the light of his large knowledge of African cultures, on their source and in the New World, calling attention to the relative facility there is within the original reconstruction, by tribes, among the Negroes from Bahia, in contrast with what happened among the North American Negroes. At the ending of this lecture, he rejects the psychopathological premises for the explanation of certain religions displays of Black Cults, rather than seeing in them answers of a cultural kind. He says, further on, textually "It is one of integrity, equilibrium and discipline the impression resulting from a complex of remarks like those we have collected about the secular and the religious life of the "Afro-baianos".

UNE RECHERCHE ETHNOLOGIQUE A BAHIA

Portant du point de vue selon lequel "les cultes de "candomblé" figurent, pour les 'afro-baianos', parmi les plus importants éléments de leur existence", Melville J. Herskovits présente, dans cette conférence (proferée en 1942, pendant le commencement des cours à la Faculdade de Filosofia da Bahia) quelques résultats de ses recherches parmi les descendants d'Africains, dans cette portion du Brésil. En rendant aux étudiants de Bahia qui l'ont précédé - de Nina Rodrigues à Artur Ramos - les hommages dus aux pionniers, Herskovits interprète les données qu'il a rassemblées en vue de sa grande connaissance sur les cultures africaines, dans leur sources et au Nouveau Monde, faisant ressortir la facilité relative qu'il y a dans la reconstruction de provenance, par des tribus, entre les nègres de Bahia, tout au contraire de ce qui arrive parmi les nègres Nord-

-Américains. A la fin de sa conférence il rebute les premisses psychopathologiques sur l'explication de quelques manifestations religieuses des cultes noirs, car il préfère y voir des réponses d'une espèce culturelle. Il dit, ensuite, textuellement: "C'est d'intégrité, d'équilibre et de discipline, l'impression résultant d'un ensemble d'observations telles que celles que nous avons obtenues à l'égard de la vie séculière et religieuse des "afro-baianos".